

FICHA DE OBSERVAÇÃO DE PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA => **PES 2011/2012**

Vitor Moreira // 4ª feira, 08h15, **14/03/2012**, 10º Ano /DESENHO/ Escola Sec. Gabriel Pereira

CONTEÚDO: Comunicação Visual

UNIDADE DE TRABALHO: A Linguagem do Cinema/animação; Processos de pré-produção, O animatic/ Story board

MATERIAIS DIDÁCTICOS (apresentações, vídeos, obras e/ou objectos <u>concebidos especificamente</u> para a sessão, ou <u>adaptados</u> a esta.	CRIATIVIDADE (dos materiais didácticos concebidos – <u>concepção de autor</u> (privilegiada) - e na forma de <u>dinamizar</u> a aula)	COMUNICAÇÃO (<u>Inter-acção</u> com os alunos/ <u>clareza</u> na exposição dos conteúdos, <u>sequencialidade</u> e <u>resposta ao feedback</u> dos alunos)	GESTÃO DIDÁCTICO-PEDAGÓGICA Pesquisa, <u>rigor</u> e manipulação dos conteúdos <u>artístico-científicos</u> , <u>condução</u> da aula e gestão do tempo
(1)	(2)	(3)	(4)
B	A/B	A/B	A/B

Avaliação Qualitativa: **A** – Excelente; **B** - Muito Bom; **C** – Bom; **D** – Suficiente; **E** - Insuficiente; **F**- medíocre

[+]		[-]
<p>(1)(2) Material selecionado com critério em função dos objectivos (específicos) da sessão.</p> <p>(3) Comunicação clara, fluída e com bom ritmo, chamando a atenção para pormenores e factos passados e tentando ligá-los ao presente (Ex: a importância da transmissão da “personalidade” aos personagens, ocorrida na aula anterior).</p> <p>(4) Pausas corretas e questionamentos colocados à turma realizados em momentos oportunos.</p> <p>(1) Definições muito simples e visualmente bem documentadas (noções de escala, ações, sequência, movimentos de câmara, fontes de luz...) demonstrando um conhecimento perfeito do glossário técnico da linguagem artística em abordagem.</p> <p>(1)(2) Variedade muito grande de exemplos do “material visual” (tipos de storyboards) para consolidar o conceito e ajudar os alunos na realização do trabalho que se propôs.</p> <p>(3)(4) A indicação de fontes (internet) para os alunos continuarem a aprender foi muito positivo, pois trata-se de dar pistas para os alunos aprenderem autonomamente.</p>	<p>O aproveitamento do conhecimento profissional ajudou e “naturalizou” o processo de comunicação pedagógica e de concepção de materiais didácticos.</p> <p>A referência a José Miguel Ribeiro serviu para colocar os alunos a par da obra de um artista local.</p> <p>O que significa que “é possível” fazer-se coisas fora dos meios oferecidos pelas grandes capitais.</p> <p>Estes detalhes são muito importantes para a motivação posterior dos alunos a seguir e investir numa carreira artística.</p>	<p>(4) Manutenção do interesse e da tónica na linguagem artística que mais se conhece (o cinema/animação/imagens animadas), é uma “segurança” mas também nos impede de aprender “para além de...” e de entramos noutras linguagens artísticas (nem que seja experimentalmente...)</p> <p>(3) Embora se compreenda a necessidade de algum silêncio e concentração no processo artísticos, os momentos “brancos” foram demasiado contrastantes com a tónica comunicativa utilizada ao longo da sessão (até à parte prática). Pode-se sempre dizer algo, do trabalho de algum aluno que possa ser referência positiva; do uso correto (ou incorreto?) de alguma técnica.</p> <p>A parte final da aula (a análise conjunta pela turma do trabalho realizado) corrigiu e atenuou um pouco o peso dos “momentos brancos” registados na 2ª parte da aula.</p>

Avaliação Global Proposta: A/B

Aula bem projetada e dinamizada com tranquilidade e eficácia, apoiando-se em informação visual muito rica, sistemática e enfocada nos conteúdos da sessão.

Alguns condutivismos (“levar os alunos objectivamente a ...”) marcou indelevelmente a parte prática da sessão, com o fornecimento de um guião (uma “história”) aos alunos e de uma grelha pré-desenhada que me pareceu um pouco limitadora da criatividade individual que os alunos (alguns) possam ter. Onde estão as “suas” histórias? Compreende-se, todavia, o processo de atalhar caminho, buscando uma produtividade que se calhar seria difícil obter de outro modo.

Por outro lado, uma boa parte do trabalho criativo é desenvolvido (quer na publicidade, quer no cinema, quer noutras áreas) num contexto de limitações temáticas, temporais e orçamentais, o que quer dizer que a ideia de criatividade pura e livre torna-se utópica quando se choca profissionalmente com o mundo real (e as suas obrigações e limitações). E, portanto, não fica mal às práticas escolares terem também essas limitações como cenário de fundo.

Leonardo Charréu, 13 de Março de 2012

FICHA DE OBSERVAÇÃO DE PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA => **PES 2011/2012**

Vitor Moreira // 4ª feira, 08h15, 21/03/2012, 10º Ano /DESENHO/ Escola Sec. Gabriel Pereira

CONTEÚDO: Comunicação

UNIDADE DE TRABALHO: Desenhar com sentido (tacto e audição)

MATERIAIS DIDÁCTICOS (apresentações, vídeos, obras e/ou objectos <u>concebidos especificamente</u> para a sessão, ou <u>adaptados</u> a esta.	CRIATIVIDADE (dos materiais didácticos concebidos – <u>concepção de autor</u> (privilegiada) - e na forma de <u>dinamizar</u> a aula)	COMUNICAÇÃO (<u>Inter-acção</u> com os alunos/ <u>clareza</u> na exposição dos conteúdos, <u>sequencialidade</u> e <u>resposta ao feedback</u> dos alunos)	GESTÃO DIDÁCTICO-PEDAGÓGICA Pesquisa, <u>rigor</u> e manipulação dos conteúdos <u>artístico-científicos</u> , <u>condução</u> da aula e gestão do tempo
(1)	(2)	(3)	(4)
A/B	A/B	A/B	B

Avaliação Qualitativa: **A** – Excelente, **B** - Muito Bom; **C** – Bom; **D** – Suficiente; **E** - Insuficiente; **F**- medíocre

[+]		[-]
<p>(3)(4) Começo da aula desafiante (com a imagem de Pollock) com a questão envolvente da importância (e consciência) do uso dos sentidos no acto de desenhar/pintar.</p> <p>(3) Sessão pausada, com um ritmo algo lento, mas muito adequado à estratégia e objectivos declarados da sessão.</p> <p>(4) Gestão democrática da aula, com questões feitas aos alunos e promovendo a sua intervenção na dinâmica da aula, mantendo um preocupação de envolver todos os alunos da turma.</p> <p>(2) Proposta de trabalho pouco habitual e desafiante, apelando para a importância do toque e do tacto, no acto de “conhecer” e desenhar um dado objecto.</p>	<p>Levando em linha de conta que a origem biográfica académica é a imagem animada (cinema) a incursão pelo universo gráfico foi bem pensada (não sei se com <i>copy rights!</i> Ou se captou a ideia didáctica nalguma fonte bibliográfica?).</p> <p>A escolha dos objectos não foi lá muito equilibrada mas seria difícil fazer uma escolha selectiva apurada, (os alunos são muitos) o que originou que o grau de dificuldade fosse muito variável de objecto para objecto (o que deverá ser levado em linha de conta na “avaliação” dos resultados gráficos).</p>	<p>(4) Houve um esticar de conceitos até a um limite, quase nihilista (Ex: “o silêncio também é um som!”) que poderia dificultar o processo de apreensão do “sentido” da aula.</p> <p>(2) O facto da cor também ser retirada de forma aleatória (às escuras), não permitiu fazer qualquer inferência entre as dimensões formais do objecto e a cor (simbólica) que potencialmente lhe poderá estar ligada.</p> <p>(4) Alguma transdisciplinaridade (com drama e movimento) com alguns tons terapêuticos – no exercício de apanhar a bola com chocalhos – mas com alguma dificuldade na interligação com o que considero ser o “coração” da sessão: “conhecer e interpretar um objecto pelo uso de outros sentidos complementares à visão.</p>

Avaliação Global Proposta: A/B

Sessão muito positiva, procurando sair dos clichés e rotinas habituais do desenho-à-vista. Proposta de trabalho pouco habitual e desafiante, apelando, com alguma eficácia, para a importância do uso do tacto (e de outros sentidos) para o acto de conhecer e “interpretar” plástica/graficamente um dado objecto. Sequencialidade da aula bem elaborada, sem pressas, nem qualquer tipo de pressão. Teve o condão de envolver e motivar os alunos, que aceitaram muito bem a proposta, aderindo com entusiasmo e curiosidade. Muito positivo efectuar a “audição” à turma e pena foi que tivesse sido possível ouvir os 4 restantes alunos da turma. Nem se pudesse dissecar o que o último dos auscultados disse (“Senti que me aproximei mais do 6º sentido) que tinha potencial para um bom desenvolvimento posterior.

Leonardo Charréu, 21 de Março de 2012